

## ESTUDOS COM BEBÊS EM QUATRO FRENTES: PROPOSTAS DE PESQUISA PARA O NORTE DO BRASIL

### Studies with babies in front four: proposed themes for Brazil north

*Claudionor Renato da Silva*

#### Considerações iniciais

O presente texto que compõe este Dossiê “Infância” é uma chamada à produção de conhecimento no “campo” da infância com a proposta de quatro frentes de pesquisa: a Frente Um, trata do Proinfância<sup>1</sup>; a Frente Dois explora o material do Ministério da Educação, sobre brinquedos e brincadeiras nas creches; a Frente Três apresenta a teoria das trocas entre bebês, e a Frente Quatro, em um trabalho inicial junto com minha colega Prof. Dr.<sup>a</sup> Viviane Drumond, da UFT Miracema, efetiva-se uma aproximação à abordagem pós-colonialista para os estudos com bebês, teorização e metodologias à formação de professores. O texto integra também as produções do GEPGSEX<sup>2</sup>.

É preciso, antes de seguir, apontar a concepção de “campo” e depois “campo do saber”, adotada pelo autor.

Pois bem, campo, e não área, embora esta seja a palavra adotada pela CAPES<sup>3</sup>. Entendemos que campo é muito mais abrangente e capta o “além de” ou “além da”. Traduz a ideia daquilo que não é limitado a um espaço.

Teoricamente, campo, em Pierre Bourdieu, que não pode ser compreendido e analisado sem outros construtos do mesmo autor, como *habitus* e capital, assume os seguintes elementos gerais – alguns deles: microcosmo que faz parte do espaço social global; o campo possui regras de um jogo; é um sistema estruturado; é um espaço de lutas entre seus agentes, lutas estas realizadas em cada posição, por um ideal de capital; no campo, há dominados e dominadores; cada campo corresponde a um *habitus* (CATANI, 2011).

Um “campo” do conhecimento ou “campo do saber”, nesta perspectiva bourdieuniana, permite-nos sugerir que os estudos com bebês, portanto, é um espaço social em que agentes e

<sup>1</sup> Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil.

<sup>2</sup> Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero, Sexualidade e Educação Sexual. Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Arraias.

<sup>3</sup> A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – adota os seguintes níveis: 1.º Nível - Grande Área; 2.º Nível – Área do Conhecimento (Área Básica); 3.º Nível: Subárea; 4.º Nível: Especialidade. Consultar o site: < <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao> >. Acesso em 15 ago. 2016.

atores “marcam” suas posições a partir de seu capital e organizam um jogo em que os respectivos *habitus* - “sistema de disposições incorporadas”, segundo Catani (2011, p. 193) são defendidos e combatidos.

Esta concepção de “campo do saber” permite agora explicitar porque “estudos com bebês” e não estudos sobre bebês. Estudos, por se configurar em algumas primeiras problemáticas em políticas públicas educacionais para a criança, já que são restritos os espaços educativos que atendem bebês (crianças de 0 a 2 anos e meio ou próximo aos 3 anos) por razões óbvias, das quais o GEPGSEX vem discutindo, qual seja, não há um atendimento de qualidade às crianças bem pequenas sem uma equipe multidisciplinar. Só o pedagógico é insuficiente para uma formação cidadã que atenda às perspectivas médicas da área da pediatria; às perspectivas do desenvolvimento em psicologia e aos componentes da didática, processos de ensino-aprendizagem das crianças pequenas.

Soma-se ainda o público dos bebês das zonas rurais dos municípios do norte do Brasil. Portanto, a referência é à escolas do campo, às salas multisseriadas e aos desafios territoriais, geográficos, que abarcam ao tema dos financiamentos públicos, para que os bebês sejam atendidos com qualidade de ensino-aprendizagem.

Com bebês significa que as pesquisas se fazem, se efetivam junto aos bebês e aqui a ideia é a da pesquisa em sociologia da infância e, que, portanto, os pesquisadores(as) apenas colocam este grande grupo no “palco”, no centro, mas não somente para apresentar e aparecer, mas para falar, ser ouvido, mostrar personalidade, exigir respeito, como humano, como pessoa e não um “ser” que virá a ser, um “vir a ser” um humano do futuro. Neste sentido do “com bebês” está em fase de leitura e interpretação a filosofia de bebês de Magda Gerber, uma versão norte americana do método Pikler. Alguns apontamentos da obra “ O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche”<sup>4</sup> são úteis para compreendermos melhor o que, de fato, implica este “com bebês”. A perspectiva centrada no adulto para o cuidado com bebês fornecem elementos importantes também ao pesquisador (a) com bebês para fundamentar que todos estudo(s) com bebês não se podem efetivar sem estes atores: os bebês. E são eles a voz da pesquisa. São eles os “estudados” e são eles que se apresentam, a partir do princípio que estamos, enquanto pesquisadores(as) apenas perguntando e querendo saber sobre eles. Finalmente, na pesquisa com bebês, são eles os teóricos deles próprios e enquanto pesquisadores(a) apenas organizamos, sob o rigor científico, o que eles, os bebês, nos apresentaram em sua teorização.

---

<sup>4</sup> MENA-GONZALEZ, J.; EYER, D.W. (2014). O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche. Um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas. 9.ª ed. Porto Alegre: AMGH.

As duas primeiras Frentes evocam o desafio de estudos com bebês, pois tratam, a partir de agora, sobre as continuidades de atendimento às crianças bem pequenas no formato proposto pelas questões de infraestrutura dos prédios do Proinfância em que a problemática aqui é a certeza que por conta do atual governo provisório e seus cortes orçamentários na educação novas construções estão fora de cogitação. Resta em termos de pesquisa, apontar a beleza deste programa federal e assegurar por pesquisas e luta política, que o ideal do Proinfância seja mantido nos lugares onde estas escolas foram implantadas e no “espírito” de contingência de recursos, garantir uma educação de qualidade das crianças pequenas.

Sobre o material “Brinquedos e brincadeiras nas creches” (Brasil, 2012), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tizuko Kishimoto, da Universidade de São Paulo e pela arquiteta e doutora em educação, Adriana Freyberger, a linha de raciocínio é a mesma: tudo depende do desenho que vem se configurando com o atual governo provisório, já que havia uma linha de financiamento federal para aquisição de brinquedos adequado à cada idade das crianças bem pequenas, desde bebês, bem como ao incentivo à artesãos locais para fabricação de brinquedos do contexto de cada realidade, de cada município.

Realizadas estas pontuações iniciais, que são extremamente importantes para que a produção do GEPGSEX aqui realizada não seja desatualizada diante do contexto político em que estamos vivendo atualmente, apresentamos nas seções seguintes, cada uma das Frentes de pesquisa, Frentes estas, que exceto a Frente Dois, todas as demais já foram iniciadas pelo grupo em pesquisas de Trabalho de Conclusão de Curso e Iniciação Científica.

A final apresenta-se motivações para pesquisas no norte do Brasil, da Iniciação Científica ao Doutorado, prevendo, num futuro próximo, e a partir deste Dossiê, uma Rede de Pesquisas de Estudos sobre a Infância e a Crianças, reunindo as universidades e institutos públicos, federais e estaduais, juntamente com as escolas e seus docentes, da região norte do Brasil.

### **Frente Um: Proinfância**

A partir das considerações iniciais já realizadas na seção anterior, se resume a partir de agora, o que foi o Programa, sua essência e sua relação com o desenvolvimento infantil e a prática pedagógica, para, em seguida, sinalizar a importância de serem mantidas as estruturas do programa, nestas escolas, já finalizadas aqui no norte do Brasil e aquelas ainda em construção inicial ou em fase de finalização – se é que serão finalizadas!

O Proinfância foi instituído pela Resolução n.º 6, de 24 de abril de 2007, pelo Ministério da Educação, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e o Conselho Deliberativo (Brasil, 2007<sup>5</sup>).

São quatro as considerações que justificam o programa:

1 A necessidade de promover ações supletivas e redistributivas, para correção progressiva das disparidades de acesso e de garantia de um padrão mínimo de qualidade de ensino.

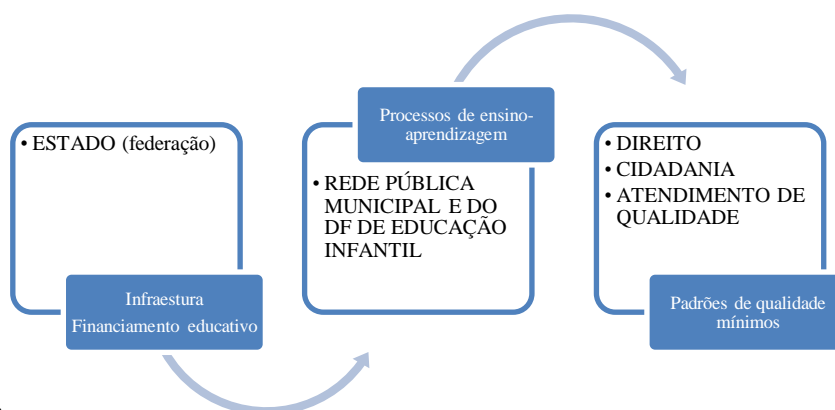
2 O reconhecimento do Estado da necessidade de melhoria da infraestrutura das escolas de educação infantil dos municípios e do Distrito Federal.

3 Reconhece, a necessidade de construção de escolas de educação infantil com características específicas que atendam aos desenvolvimento humano.

4 Considera a relação entre os aspectos prediais e seus equipamentos com o desenvolvimento infantil, mas, sobretudo, com a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem, portanto, formas novas e subsídios novos aos professores(as).

A Figura a seguir exemplifica o alinhamento da proposta do Proinfância que une Estado, rede pública de educação dos municípios e o foco na cidadania com padrões mínimos de qualidade no atendimento escolar. É justamente esta a defesa das pesquisas com bebês, daqui para frente, ou seja, serem mantidas estas propostas que continuem garantindo nesta estrutura predial, padrões mínimos de qualidade.

**FIGURA 1** – Proinfância e a qualidade do ensino na educação infantil.



**Fonte:** o autor.

<sup>5</sup> Estabelece as orientações e diretrizes para execução e assistência financeira suplementar ao Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil – PROINFÂNCIA.

O financiamento dado pelo Proinfância abrange cobertura de despesas para construção, reformas, equipamentos e mobiliários, mas para a conquista do financiamento há a necessidade do preenchimento de requisitos a serem esclarecidos no Plano de Trabalho – todo trâmite das propostas é via eletrônica. Há o Manual de Operações Técnicas que orienta a forma de preenchimento das propostas de solicitação do Programa aos municípios e Distrito Federal (BRASIL, 2007, Artigo 3.º).

O Quadro 1 apresenta três dimensões de requisitos para que um município e o Distrito Federal seja avaliado como apto à participação no programa. Estes dados são fundamentalmente importantes para o contexto do norte do Brasil.

**QUADRO 1** – Prioridade de participação no Proinfância

DIMENSÕES	PRIORIDADES		
	1	2	3
<b>Populacional</b>	Maior população	Maior Taxa de Crescimento	Maior Concentração Urbana
<b>Educacional</b>	Menor porcentagem de defasagem idade-série no Ensino Fundamental	Maior porcentagem de professores com Ensino Superior	-
<b>Vulnerabilidade Social (IVS)</b>	Maior porcentagem de mulheres chefes de família	Maior porcentagem de Juventude em situação de pobreza	Menor disponibilidade de renda para financiamento na Educação Infantil

**Fonte:** o autor

O fator IVS<sup>6</sup> é, portanto, decisivo às implicações e impacto do Proinfância no sentido da promoção de igualdade do ensino e qualidade predial, interligadas ao desenvolvimento humano das crianças pequenas, foco das práticas pedagógicas e docentes na escola da infância.

O Quadro 2 apresenta as plantas das escolas do Proinfância e o quantitativo de atendimento.

<sup>6</sup> Consultar o sítio < <http://ivs.ipea.gov.br/ivs/> >.

**QUADRO 2** – Prioridade de participação no Proinfância

<b>TIPO</b>	<b>Quantitativo de atendimento de crianças</b>	<b>Área disponível para construção</b>	<b>Observações Gerais</b>
A	Definido pelo proponente	Não há exigências	O projeto é elaborado pelo proponente
B	240	40x70 (m)	
C	120	45x35 (m)	Pode estar na área rural
1	188	40x70 (m)	
2	94	45x35 (m)	Pode estar na área rural

**Fonte:** o autor

As normas de construção destes prédios seguem rigorosamente as normas nacionais de construção civil e os detalhes do material são especificados em suas minúcias, justamente para garantir que a verba disponibilizada será utilizada para compra de materiais que seguem o projeto arquitetônico e isto, desde um simples parafuso, até o tipo de material de acabamento do forro. Os critérios de transparência na compra e na vistoria dos materiais adquiridos, do básico ao acabamento, é uma das preocupações do programa.

O detalhamento dos equipamentos e mobílias também estão contempladas e sugerem para os pesquisadores(as) um excelente norte de investigações nestes prédios em como está acontecendo a formação e a educação de bebês e crianças pequenas.

Alguns referenciais internacionais para estes estudos são Alain Legendre e Urie Bronfenbrenner. O Trabalho de Conclusão de Curso de Silva (2016) orientado pelo autor deste artigo se ocupou justamente destas discussões promovidas por estes dois teóricos, analisando uma escola com prédio modelo Proinfância na cidade de Arraias.

### **Frente Dois: Brinquedos e brincadeiras nos documentos oficiais do Ministério da Educação**

Deixando de lado o financiamento, este material (Brasil, 2012) é riquíssimo quanto aos cuidados a serem tomados pela coordenação pedagógica quanto aos brinquedos e brincadeiras nas creches para atendimento às crianças bem pequenas. Acredito que deva ser um material de consulta constante aos docentes da educação infantil junto à seus (suas) coordenadores(as) pedagógicos(as).

São princípios básicos do documento:

- Brinquedos e brincadeiras são constitutivos da infância.

- A brincadeira é meio de expressão, dentre outros, que permite a apreensão e compreensão (interpretação) do mundo ao entorno, a ser acessado.
- O brincar deve ser disponibilizado como direito da infância, direito da criança e deve ser destinado muito tempo à ela – princípio cronossistêmico de Urie Bronfennbrener<sup>7</sup>.
- A criança é centro no planejamento da proposta pedagógica da escola.
- Financiamento do FNDE para aquisição de brinquedos, mas sob “suspensão”, como já se afirmou na seção anterior.

O princípio da “Pedagogia das Relações” é enfatizado como norte do atendimento com qualidade à bebês e crianças pequenas, no que tange aos brinquedos e brincadeiras:

[...] princípios da Pedagogia das Relações em que a educação se torna um processo amplo, coletivo, de relações estabelecidas entre as políticas governamentais, as instituições de Educação Infantil, as famílias e a comunidade. [...] e a família e a comunidade participam da educação de suas crianças trazendo a riqueza e a diversidade das culturas de seus membros (BRASIL, 2012, p. 139).

Os módulos do documento já dão indícios de sua profundidade e a necessidade de pesquisas nos espaços da creche, na região norte do Brasil:

- Módulo I. Brincadeira e interações nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, documento lançado pelo Ministério da Educação em 2013.
- Módulo II. Brinquedos, brincadeira e materiais para bebês (0 a 1 ano e meio).
- Módulo III. Brinquedos, brincadeira e materiais para crianças pequenas (1 ano e meio a 3 anos e 11 meses).
- Módulo IV. Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas.
- Módulo V. Critérios de compra e usos dos brinquedos e materiais para instituições de educação infantil.

Há um detalhamento de atividades propícias à cada período do desenvolvimento de bebês e crianças pequenas, sobretudo, na ação adulta de formatação e configuração de um ambiente significativo para a educação.

Chama a atenção, a necessidade de pesquisas sobre critérios das equipes pedagógicas na seleção, aceitação e utilização de brinquedos na creche. Tanto os brinquedos doados, como

---

<sup>7</sup> Acréscimo referencial do autor do artigo. Incentivo a realização de pesquisas aqui no norte, sob este referencial. Acredito ser uma vertente importante para estudos, sobretudo nas salas multisseriadas e do campo.

os adquiridos pela compra governamental (licitações) e ainda aqueles criados no espaço da escola devem atender a alguns requisitos.

Nos próximos, Quadro 3 a 10 são apresentados um breve check list para coordenadores pedagógicos e docentes quanto à seleção e utilização de brinquedos para bebês e crianças pequenas, que se apresentam também como um guia de pesquisa inicial ou diagnóstica nas creches. Embora seja uma retratação que limita as potencialidades das crianças, acredito ser um guia inicial para serem pensados a partir desta Frente.

**QUADRO 3 – Check list 1**

<b>O BRINQUEDO E QUESTÃO DA SEGURANÇA DOS BEBÊS</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
É aprovado em um teste de avaliação?		
É tóxico?		
O brinquedo se desmancha ou se esfarela?		
Possui peças pequenas?		
Possui ponta agudas?		
Existe risco para a criança se sufocar?		
Existe ameaça à visão da criança?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.

**QUADRO 4 – Check list 2**

<b>DURABILIDADE DO BRINQUEDO</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
O brinquedo quebra e fica logo inutilizado?		
Quanto tempo em semanas e meses eles dura?		
É adequado para uso coletivo?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.

**QUADRO 5 – Check list 3**

<b>BRINQUEDO APROPRIADO PARA USO INTERNO E EXTERNO</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
O brinquedo possibilita, pedagogicamente, que a brincadeira seja ampliada, tanto pela forma quanto pela ação criativa da criança?		
O brinquedo possibilita ser facilmente limpo após seu uso imediato preparando novos usos em outro dia ou período?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.



**QUADRO 6– Check list 4**

<b>OPORTUNIDADES DE BRINCAR</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
O brinquedo proporciona o pensamento, sobretudo oportunidades de sinalizarmos as escolhas dos bebês e das crianças pequenas?		
Os brinquedos possibilitam conflitos e divergências entre os bebês e as crianças pequenas?		
O brinquedo possibilita diversidade de usos?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.

**QUADRO 7– Check list 5**

<b>O CRITÉRIO DA MULTICULTURALIDADE DOS BRINQUEDOS</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
O brinquedo com os bebês e as crianças pequenas atende à diversidade étnicorracial (indígena, negra, afro-indígena, imigrantes internacionais europeus, orientais, muçulmanos)?		
O brinquedo apresenta estereótipos?		
O brinquedo retrata a realidade e o contexto regional, local?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.

**QUADRO 8– Check list 6**

<b>BRINQUEDOS QUE PERMITAM A DIALOGICIDADE SOBRE A RELAÇÃO GÊNERO E A IGUALDADE FEMININA</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
O brinquedo com os bebês e as crianças pequenas pode ser utilizado por meninos e meninas?		
O brinquedo está sendo direcionado por cores relacionado a gênero, como por exemplo, azul para homens e cor de rosa para meninas?		
O brinquedo retrata papéis determinados pelo sexismo social vigente?		
O brinquedo permite discussões sobre a diversidade sexual e os direitos humanos?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.

**QUADRO 9– Check list 7**

<b>BRINQUEDOS QUE NÃO EXCITEM A VIOLÊNCIA</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
O brinquedo tem relação com armas de fogo?		
O brinquedo incita a agressão e a violência?		
O brinquedo retrata ou prefigura a violência?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.

**QUADRO 10– Check list 8**

<b>BRINQUEDOS QUE VALORIZAM O TRABALHO DOS ARTESÃOS LOCAIS E A CULTURA</b>		
<b>CRITÉRIO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
O brinquedo tem relação com a arte local, bem como a participação dos pais em sua história de vida e resgate das brincadeiras?		
O brinquedo promove ideias sustentáveis de reciclagem?		
O brinquedo incentiva a criatividade de uso diferentemente para o que foi criado?		
O brinquedo permite processos educativos de ecologia e sustentabilidade, mais amplas que o uso de sucatas, simplesmente?		
O brinquedo construído advém do princípio da reciclagem e uso de sucatas e atendem aos demais critérios presentes nos <i>check list</i> 1 a 7?		

**Fonte:** o autor

Assinalar com “x” as opções Sim ou Não.

Este documento nos fornece elementos de pesquisa importantíssimos. Um destaque é que todos estes brinquedos, sejam os doados, sejam os adquiridos por licitação pelo governo, sejam os fabricados/confeccionados por profissionais locais, todos devem atender à “[...] exigência de selos de procedência, testes e garantias do produto/equipamento selecionado (INMETRO, ABRINE, entre outros, que indiquem a sua origem e a qualidade) [...] (BRASIL, 2012, p. 152)”.

Finalizando esta segunda frente de pesquisa,

[...] é fundamental a mobilização e o desenvolvimento da dimensão brincante e brincalhona das professoras [e professores] para garantir o direito ao brinquedo e à brincadeira. [...] é compromisso de cada profissional que já atua com as crianças [...]. [...] O bebê ingressa na creche, cresce e vai embora, sua infância é passageira. Se não garantirmos a qualidade da experiência de cada criança no seu curto espaço de tempo vivenciado na creche, deixaremos de cumprir o nosso papel ético, social e educativo (BRASIL, 2012, p. 155).

Pesquisas com bebês, sob esta “chamada” do papel ético, social e educativo parece ser um foco investigativo interessante para a região norte do nosso país, com desafios tão grandes, sobretudo para nossos bebês e crianças pequenas das zonas rurais e das atuais salas multisseriadas que não são poucas, atendidas pelos municípios na medida de seu alcance em termos de recursos, não só financeiros, mas de profissionalidade, com docentes bem formados e especialistas em suas respectivas áreas.

### **Frente Três: Teoria das trocas entre bebês – Mira Stambak e equipe (ponto de partida, enquanto referencial)**

“Os bebês entre eles” (Stambak et al., 2011) é o ponto de partida de referencial no GEPGSEX inaugurando propostas de estudos com bebês no Câmpus da UFT de Arraias. A natureza da obra, a partir de uma equipe multidisciplinar, já aponta a defesa do grupo, de que, um trabalho realizado junto aos bebês, apenas contando com pedagogos (as) é um trabalho limitado e parcial.

Considerando que a obra data dos anos 1980 é outro indicativo do quanto estamos atrasados nos estudos com bebês no Brasil, particularmente na questão da teoria das trocas entre bebês, numa perspectiva de práticas pedagógicas. No Prefácio da obra, as professoras Dr.<sup>a</sup> Suely Mello, Maria Carmem Barbosa e Ana Lúcia Faria afirmam que tais pesquisas foram pioneiras sobre este aspecto das trocas dos bebês entre si e com o adulto. Demonstraram que as crianças organizam o pensamento para tomarem decisões. Por isso faz sentido o subtítulo em português destacar os verbos descobrir, brincar, inventar juntos.

As histórias contadas pelas crianças e organizadas pelos pesquisadores quebram o paradigma do *in-fanz* (Phillipe Ariès) e colocam os bebês como pessoas que pensam, que sentem e que falam; falam “por” e “com” gestos, choros, olhares.

Outro paradigma quebrado, parcial, a princípio, é o da psicologia, pelo menos em alguns aspectos, o que nos leva a construir dentro do campo do saber dos estudos com bebês se ele é de fato e tão somente numa vertente da sociologia da infância apenas. Temos sido levados a compreender no grupo de estudos e pesquisa que a abordagem da sociologia é presente, contudo, em muitos pontos Stambak et al. (2011) valoriza as bases da psicologia na análise da teoria das trocas quando cita os três “grandes” pilares da psicologia da educação: Piaget, Vigotsky e principalmente Wallon, com a teoria da afetividade.

Por que estes estudos inauguram um novo tempo na psicologia dos anos 1980?

Ao consultar a literatura recente em psicologia, comprovamos que, nos últimos dez anos, o interesse pelo estudo das trocas entre crianças pequenas aumentou em todos os países. Essas investigações são feitas com base em diferentes abordagens metodológicas que conduzem a interpretações às vezes contraditórias. No entanto, a maioria concorda com o fato de que as trocas entre crianças pequenas são numerosas e variadas, **ainda que nem todos procurem evidenciar o papel dessas trocas no desenvolvimento psicológico**. Por isso, nosso interesse pelo tema foi encorajado não apenas pela situação atual do conhecimento desse campo, mas também pela importância que esse estudo pode ter na discussão sobre **a adequação das instituições educacionais às crianças pequenas (creches e pré-escolas)** (STAMBAK et al., 2011, p. 2, grifos meus).

Sobre “a adequação das instituições educacionais às crianças pequenas”, com palavras que nos soam muito atuais, sobre o que ocorre em nossas escolas de educação infantil brasileiras, a equipe de Stambak et al. também afirmam que

Nestas instituições, podemos comprovar que as interações sociais, as atividades em grupo, **não são observadas em qualquer condição**. Assim, nos momentos de brincadeira, apesar de haver brinquedos, as crianças podem ficar isoladas e mostrar sinais de aborrecimento [...] (STAMBAK et al., 2011, p. 2, grifos meus).

Propondo, então, uma questão de problema em pesquisa e que ainda é extremamente provocativa, para nós, pesquisadores da infância, bem como, professores (as) da educação infantil, perguntam:

É possível, então, estabelecer momentos de brincadeira em que as crianças se vejam estimuladas a se comunicar, manifestando ao mesmo tempo uma atividade própria, tomando iniciativas e evidenciando os problemas que percebe? (STAMBAK et al., 2011, p. 2, grifos meus).

Duas pesquisas, orientadas no GEPGSEX, Rodrigues (2016) e Tavares (2016), permitem um “sim” à problemática citada acima, mas que são primeiras aproximações de pesquisas com o método observacional<sup>8</sup>.

A pesquisa de Stambak et al. (2011) se concentra em três ações que incentivam a troca entre os bebês: Ações de Trocas 1 a partir de objetos; Ações de Trocas 2 com a centralidade corporal global e as Ações de Trocas 3 sempre com o outro ou os outros.

No primeiro grupo de ações a palavra chave é exploração, exploração de objetos. São ações intelectuais de alto processamento. Acontecem as descobertas dos bebês no acesso ao mundo do seu entorno. As experimentações de objetos são ora individuais ora coletivas.

No espaço das crianças, temos poucos móveis. Os objetos dos experimentos são muito simples: caixas de papelão de diversos tamanhos, pequenos barris, bem leves para facilitar a mobilidade e exploração das crianças, bolas, de diversos tamanhos, só para citar alguns objetos da pesquisa conduzida por Stambak et al. (2011).

Nas Ações de Trocas 2 está em jogo a relação intelecto x afetividade. As iniciativas das crianças são surpreendentes, a ponto de se afirmar, sem sombra de dúvidas, que somos muito inteligentes e extremamente inteligentes antes de entrar na escola, sobretudo o ensino

---

<sup>8</sup> EARP, M.L.S. 2012. Observação. In: ELLIOT, L.G. (org.). Instrumentos de avaliação e pesquisa. Caminhos para construção e validação. São Paulo: Wak.

fundamental. Depois disto, nossa inteligência que é ampla, diversa, se torna fragmentária, preguiçosa, cansativa, por conta das disciplinas, da relação autoritária professor/aluno e outros condicionantes pedagógicos que eliminam toda aquela plasticidade criativa que se tem ao ser um bebê.

Nas trocas destas ações se percebe que as atividades são iniciadas pelas crianças. São ações às vezes muito simples, outras vezes bastante complexas. Mas, as crianças se resolvem bem. Tomam decisões muito criativas diante das situações complexas.

Há um planejamento rico na tomada de decisões nas brincadeiras que “afetam” o outro – conceito walloniano. Esta afetividade alcança o que Stambak et al. (2011) denomina de “explosão de alegria”. Toda atividade se inicia até atingir um ponto máximo (ápice de alegria) que pode se repetir por duas, até cinco vezes e depois é abandonada, e se inicia outra atividade, iniciada pela mesma criança ou por outra.

O último grupo de ações faz prevalecer um modelo de interação conversacional, historinhas balbuciadas, gesticuladas, com olhares, sons e atitudes e, obviamente, muitas risadas. Há um diálogo compreensível entre as crianças que são construídas pelos pesquisadores da equipe, mas que escapam muitas coisas. Desta forma, as crianças nos oferecem uma parte do seu “mundo”, outras tantas são apenas delas! O que realizamos, enquanto pesquisadores (as) são tão somente aproximações, visto que

[...] os olhares, as mímicas, as atitudes e as posturas corporais, as vocalizações e a maneira de se deslocar estão carregadas de significado. Alegrias e satisfações, às vezes decepções, mas também sugestões, aprovações, aceitações, rejeições etc. são claramente percebidas: mensagens cognitivas e afetivas são amplamente solidárias. [...] No desenvolvimento da “história”, planeja a ação de seu companheiro: com mímica [...] as gargalhadas em comum demonstram que se trata de uma “história” com papéis que se complementam (STAMBAK et al., 2011, p. 39-40).

Conclusões das análises da equipe de Stambak et al. (2011):

- Bebês e as crianças pequenas não são “copos vazios”, mas extremamente inteligentes, inclusive emocionalmente – destacando os atuais estudos das neurociências. Elas têm interrogações sobre o que está à sua volta e elaboram pensamentos para buscar explicações, por si mesmas – Piaget estava certo!!!
- Bebês e crianças pequenas levam a sério suas brincadeiras, seja à sós ou em grupos. Resolvem seus problemas tomando decisões extremamente complexas e acabam por compreender e interpretar o mundo, construindo significados.

- Bebês e crianças pequenas buscam naturalmente a comunicação e o estar junto a outro bebê. A teoria das trocas demonstra uma rica e variada forma(s) de interações muito bem organizadas e estruturadas.

- A questão dos conflitos é defendida no texto da equipe, contudo, merece estudo mais detalhado no contexto brasileiro. A pesquisa de Rodrigues (2016) parecem demonstrar um outro caminho. Estudos sobre os conflitos e a colocação sob suspense de que as relações entre bebês são “perfeitamente harmoniosas” merecem uma atenção nas pesquisas para o contexto da região norte.

- O destaque da linguagem entre bebês: “[...] suas ideias, seus desejos, seus acordos ou desacordos, é comparável apenas à atenção com que se aplicam a “decifrar” as mensagens dirigidas a elas (STAMBAK et al., 2011, p. 189). Ou seja, elas levam muito à sério as atividades em que iniciam. Isto contraria um certo posicionamento teórico de que os bebês e as crianças pequenas “fingem” certas ações para demonstrar conquistas ou “chamar a atenção” adulta. Absolutamente. As pesquisas de Mira Stambak e sua equipe mostram que as crianças se engajam em atividades de alta complexidade de pensamento e fazem isto com muita seriedade e atenção. É um acesso direto ao mundo que os cerca e que buscam compreender, dominar e agir sobre ele.

Espera-se que estas poucas linhas ensejem e provoquem investigações sobre este público que tem muito a nos ensinar para aprimoramento das nossas práticas e pesquisas fomentando novas teorizações que apenas podemos organizar, pois já existem e estão na posse destes atores, os bebês e as crianças bem pequenas. Lembrando, que tudo o que escrevermos sobre e para elas é tão somente e simplesmente uma aproximação da realidade, nunca sua totalidade.

Quanto ao método ou métodos de coleta de dados, bem como análise, além da observação, como já se destacou, elencamos a etnografia no espaço escolar. Para análise apresentamos o interesse do grupo no método *Grounded Theory*, método tanto para coleta e análise, este de geração de teorizações a partir de documentos, da própria observação ou a entrevista - esta como principal técnica para “captação” da realidade na e da voz dos atores. O autor desenvolveu este método em sua tese de doutoramento<sup>9</sup> e tem a disposição de se

---

<sup>9</sup> SILVA, C.R. 2015. Proposta teórico-interpretativa em sexualidade infantil: contribuição à educação sexual a partir da *Grounded Theory*. 2015. 342f. Tese. (Doutorado em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, Araraquara, SP.

especializar neste método, gerando teorizações no estudo com bebês: teorizações provisórias e de “momento” já que esta teorização são deles: dos bebês e das crianças pequenas!

#### **Frente Quatro: Práticas pós-colonialistas (ou decoloniais) na educação de bebês – foco na formação docente inicial em cursos de pedagogia**

Esta frente é um estudo pessoal em andamento, em parceria com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane Drumond, da UFT Miracema, em que, a partir dos Relatórios de Estágio da Educação Infantil, das turmas do 7º Período dos cursos de pedagogia de Arraias e de Miracema. Estas são disciplinas que ministramos em nossos respectivos Câmpus.

O que objetivamos? Objetivamos tecer uma leitura a partir das práticas relatadas dos estudantes de Estágio – obviamente aqueles permitidos através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para fins de pesquisa científica e produção de artigo, posterior obra literária, na forma de livro impresso e e-book. E que leitura é esta? Articular os relatos com a teoria pós-colonialista com alguns pontos inflexivos no que se convencionou chamar de decolonial por parte de alguns atores, que afirmam que não chegamos a um “pós” já que as práticas colonialistas continuam presentes sobretudo nas práticas pedagógicas.

Autores presentes em nosso referencial inicial: Aimé Césaire (1950), Aschcroft, Griffiths e Tiffin (1989), Santos (2004, 2011) e Anibal Quijano (2005).

Queremos compreender, a partir destes autores e alguns outros, o que se configuraria como práticas pós-colonialistas em educação infantil. Utilizando um termo da matemática, pretendemos efetuar uma “transposição didática” e teórica elencando elementos que configuram numa prática anticolonialista na educação infantil. E portanto, para os estudos deste artigo, uma configuração do que e como seria no plano teórico-metodológico uma didática com bebês caracterizada como pós-colonialista ou uma prática docente com bebês anticolonialista, antidominadora, antiexploratória.

Reforça-se que ainda se trata de um estudo teórico inicial pensado para o contexto do norte brasileiro. Após a organização deste referencial pretende-se avançar para os estudos em espaços reais das creches e pré-escolas, tanto na região sudeste do Tocantins como na região central do Estado, na cidade de Miracema.

O que temos até o momento, conforme Quadro 11, são elementos teóricos iniciais a serem transpostos à educação infantil a partir de Relatórios de Estágio de estudantes dos cursos de Pedagogia de Arraias e Miracema no estado do Tocantins, arriscando ir além, organizando possíveis conceituações ou teorizações para o campo da educação infantil,

envolvendo bebês e crianças bem pequenas. A coluna “elementos pós-coloniais de análise” é organizada a partir da leitura dos teóricos desta vertente, a pós-colonial.

**QUADRO 11**– Elementos para construção de uma teorização sobre práticas pedagógicas pós-colonialistas na educação infantil

ELEMENTOS PÓS-COLONIAIS DE ANÁLISE	TRANSPOSIÇÕES À EDUCAÇÃO INFANTIL – AS PRÁTICAS	CONCEITUAÇÃO POSSÍVEL OU TEORIZAÇÃO INICIAL À FORMAÇÃO DE PROFESSORES E À DIDÁTICA
Cultura		
Descivilizar o colonizador		
A ação colonialista imediata é a da violência para manter o poder		
Exterioridade		
Um olhar detido para as desigualdades		
Saber e ciência: relações de poder entre quem produz e quem legitima		
Relações entre o capitalismo, neoliberalismo, novo gerencialismo, globalização, economia e práticas escolares		
Seis elementos espaço-tempo propostos por Santos (2004)		
Resistência		
Desprovinciliar a Europa – rever o conceito eurocêntrico		
Conhecimento-emancipação x conhecimento-regulação		
Práticas pós-coloniais são práticas políticas e sociais.		
Corpo x Não corpo: fim do dualismo		
Ir além do passado, projetar o futuro		

**Fonte:** o autor

Como se trata de um construto teórico em fase inicial de organização para o contexto do norte do Brasil, pouco há o que oferecer ao público leitor sobre as transposições da teoria pós-colonialista para as práticas pedagógicas, bem como, sobre as primeiras teorizações sobre esta abordagem na educação de crianças pequenas. Contudo, acredita-se, que indicar esta perspectiva temática de pesquisa abre possibilidades de serem pensadas propostas outras ou talvez melhores que estas em construção com vistas à qualidade de atenção e cuidado à bebês e crianças pequenas que enfoquem sobretudo as práticas docentes e a formação inicial e



continuada de professores(as), bem como, a formação e o diálogo com coordenadores pedagógicos e gestão escolar.

Mas é importante deixar claro que esta perspectiva envolve colocar “de cabeça para baixo” – como afirma Ana Lúcia Goulart de Faria – tudo o que tradicional e classicamente se realiza na escola, portanto, não se trata de um referencial muito “adequado”, aceito, de muita adesão, porém, adequado para nós, ao nosso sistema educacional e à formação que se oferece pelas universidades públicas e privadas do Brasil. Logo, o desafio teórico, metodológico e prático, com fundamentos na práxis e na realidade da escola, são aspectos a serem considerados por aqueles que desejarem enveredarem-se por estes caminhos teóricos da perspectiva pós-colonialista ou decolonial – lembramos que são duas conceituações ora opostas, ora complementares que precisam ser melhor esclarecidas no campo da educação e que os pesquisadores devem assumir uma ou outra nas pesquisas direcionadas à criança e à infância.

### **Motivações para pesquisa na graduação e na pós-graduação no norte do Brasil: a infância como foco**

As motivações abaixo relacionadas são e estão voltadas inicialmente para a graduação, com a Iniciação Científica, envolvimento e participação em Núcleos e Grupos de Pesquisa, em Projetos de Extensão, Programas (com bolsas ou não) como o PIBID, o PIBIC e o Prodocência. E, fundamentalmente, os Trabalhos de Conclusão de Curso. São motivações que recaem sobre os atores docentes, sobretudo, mas também aos discentes interessados em produção científica e em atuar junto a docentes pesquisadores da área da infância e da educação infantil.

Na pós-graduação lato sensu, além, obviamente, da necessária integração aos grupos de pesquisa e projetos de docentes-orientadores, as pesquisas originárias dos cursos de Especialização, na área da Educação Infantil ou outras, como Educação do Campo, Gestão Escolar, enfim, é necessária sua publicização e encaminhamentos às escolas e redes de ensino. Tomam maior importância, inclusive as monografias que são continuidades do que se produziu na graduação, melhor ainda, as inovações temáticas e de especialidades que podem se enquadrar ou não em uma das quatro frentes aqui apresentadas.

Um último destaque são os Programas de Pós-graduação em Educação stricto sensu, aqui no norte do Brasil: mestrados acadêmicos e profissionais; teses de doutoramento. A criação de uma Rede de grupos de pesquisa facilitará não só a divulgação, mas também e, sobretudo, o trânsito entre universidades federais e estaduais, seus pesquisadores e estudantes,

de forma que o tema dos estudos com bebês ganhe força na região, com linhas de pesquisa que não só valorizem as pesquisas com bebês e crianças pequenas, como também fomentem políticas de atendimento à este público, tanto nas zonas urbanas, como também e, principalmente, nas zonas rurais, com escolas de qualidade para todos(as) os bebês e crianças pequenas.

Seguem-se as motivações à pesquisa ou um programa de pesquisas com foco nos bebês:

- Motivação 1: A primeira motivação é política. A equipe de Mira Stambak para além de pesquisadores sobre crianças (criançólogos) eram ativistas dos direitos da infância. Uma das formas de realizarmos pesquisas e elas irem além das prateleiras e nossos discursos de sala de aula é militância e a luta pelos Direitos da infância e da criança no Brasil. A motivação anterior do pesquisador e posterior à ela é a luta dos direitos daqueles por quem pesquisamos e por eles falamos junto ao poder público local. Esta motivação é o início, o processo e o produto desejado em nosso engajamento de pesquisadores(as) da infância.

- Motivação 2. Pesquisa e produção de conhecimento. A partir da concepção de campo e campo do saber – na perspectiva de Bourdieu – A motivação que todo criançólogos (a) deve ter é a de produzir uma pesquisa de qualidade e que gere impactos que, passíveis de avaliação em larga escala, possibilite a transformação da realidade. Temos nos preocupado no grupo de estudos GEPGSEX em pensarmos programas de pesquisa que carreguem em seu bojo, no aspecto avaliativo, o potencial de impacto de cada pesquisa realizada. Isto tem a ver com a motivação 1 também, a militância. Outro fator, no âmbito da conceituação de “campo” bourdieuiano, as relações de conflito entre as teorias, no interior da própria temática só enriquecem o conhecimento. Neste sentido, quanto mais vertentes de concepções, teorias, teorizações e modelos houver ou quanto mais conflituosa a perspectiva(s) assumida pelo *habitus* mais sobreviverá o campo. É o que esperamos para o campo do saber “estudos com bebês” na região norte do Brasil.

- Motivação 3. Transformação da realidade numa perspectiva da *práxis* educativa e não se trata de assumir-se marxista. Até o pode ser, mas não é isto que esperamos com esta Motivação 3. Ao contrário disto, mesmo que *práxis* tenha nascido desta perspectiva teórica, *práxis* não significa, neste contexto da Motivação 3, que nós, pesquisadores e professores envolvidos somos marxistas “assumidos”. Estamos admitindo aqui a necessidade de uma postura não unicamente marxista, de inspiração marxista e, portanto, o esforço pelo diálogo com outras abordagens. Este apontamento é importante. Argumentamos, assim, que o marxismo na educação é uma abordagem, mas não a única. Ela até pode estar inserida no

interior das quatro frentes aqui apresentadas, mas não pode ser assumida na sua íntegra, só porque estamos adotando o termo *práxis*. É *práxis* porque estamos, primeiro, considerando a pedagogia como ciência de prática social; segundo, estamos propondo para os estudos com bebês no norte do Brasil, uma prática de transformação da realidade que começa com a Motivação 1 (motivação política) para que os municípios assumam a educação de bebês e crianças bem pequenas, que começa com a possibilidade de construção de creches e contratação de profissionais pedagogos e equipe multidisciplinar, na cidade e no campo (zonas rurais). Pode ser um sonho, mas é luta! É possível. Transformar a realidade é o ímpeto ou o indicador de nossas pesquisas com bebês e crianças pequenas no norte do Brasil.

Convidamos, assim, universidades e institutos federais e estaduais, bem como o corpo de docentes e gestores da educação, nos municípios; pais e crianças, para formarmos uma Rede na Região Norte, que lute, de fato, pelos direitos das crianças e por uma escola de qualidade que atenda os bebês e crianças pequenas, com salários justos aos docentes e à equipes multidisciplinares. Que as pesquisas com bebês superem o fato de apenas pararem nas prateleiras e acessos on line das bibliotecas e se transformem em documentos que subsidiem nas escolas e seus sistemas educacionais, bem como, no executivo e legislativo de nossas cidades, a geração de transformações da realidade no sentido de uma formação integral e de qualidade para todas as nossas crianças ribeirinhas, quilombolas, indígenas, do campo e da cidade do nosso norte brasileiro.

## 7 Referências.

- ASCHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. 1989. *The empire writes back: Theory and practice in post-colonial literatures*. London: New Fetter Lane.
- BHABHA, H.K. 1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- CATANI, A.M. 2011. As possibilidades analíticas da noção de campo social. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 32., n. 114, p. 189-202, jan,-mar.
- MATA, I. Estudos pós-colônias: desconstruindo genealogias eurocêtricas, *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan./abr., 2014.
- QUIJANO. A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, p. 117-142.
- RODRIGUES, A.S.C. 2016. *Afetividade e berçário: espaço pedagógico na formação da criança na educação infantil*. 52f. Monografia. Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Tocantins, Arraias.
- SANTOS. B.S. 2004. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. In: *VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 16 a 18 de setembro, Coimbra, Portugal.

\_\_\_\_\_. 2011. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.* (Volume 1). 8ª ed. São Paulo: Cortez.

SILVA, V.B. 2016. A organização do espaço e mobílias no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil no Centro Municipal de Educação Infantil Irmã Lucília (CEMEI) em Arraias – TO. 36f. Monografia. Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Tocantins, Arraias.

STAMBAK, M. et al. (orgs.). 2011. *Os bebês entre eles.* Campinas, SP: Autores Associados. Campinas.

TAVARES, C.B. 2016. *A música e o desenvolvimento da linguagem na aprendizagem de bebês: um estudo no espaço escolar e familiar.* 30f. Monografia. Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Tocantins, Arraias.

## Resumo

Estudos com bebês assumem na atualidade um interesse de muitos especialistas da área educacional, sobretudo com os avanços alcançados com as neurociências. Pensando sobre o salto quantitativo das pesquisas sobre o tema no campo da educação, particularmente, a pedagogia, o GEPGSEX organizou uma linha de estudos sobre infância e criança para focar estudos com bebês no contexto do norte do Brasil. São apresentadas quatro propostas de pesquisa envolvendo os bebês e três motivações a docentes-pesquisadores e discentes-pesquisadores para elevação do quantitativo de pesquisas com bebês aqui no norte: motivações políticas e de militância, assegurando os direitos da criança; motivações visando a produção de conhecimento e motivações para transformação da realidade com foco em uma educação de bebês com qualidade de atendimento e profissionalidade multidisciplinar.

**Palavras-chave:** Estudos com bebês. Pesquisa. Região Norte do Brasil.

## Abstract

Studies with babies take today an interest of many experts in the education sector, especially with the achievements in the neurosciences. Thinking about the quantum leap of research on the topic in the field of education, particularly the education, the GEPGSEX organized a line of studies on childhood and children to focus on studies with babies in northern context of Brazil. They are presented four proposals for research involving babies and three motivations for teachers, researchers and students-researchers for quantitative elevation research with babies here in the north: policies and militant motivations, ensuring the rights of children; motivations aimed at producing knowledge and motivation to transform reality with a focus on education of babies with quality care and multidisciplinary profession.

**Keywords:** Studies with babies. Search. Northern Region of Brazil.